



QUINTA FEIRA

Juan Neves

Saio debaixo da mísera sombra de árvore assim que acordo. O sol está escaldante e o clima se parece ao meio-dia, o que não pode ser verdade, já que eu costumo acordar às nove da manhã, e outra, o café que tem aquelas rosquinhas horríveis está sendo aberto.

O sinal finalmente se fecha, e então, eu atravesso a rua.

Um humano acabará de deixar o interior do café carregando um pão de creme e um capuccino, ele deixa o que será o seu primeiro desjejum sobre uma das mesas redonda que enfeitam o exterior do estabelecimento, logo se sentando em uma das duas cadeiras, a criatura volta toda a sua atenção para o ipad em suas mãos.

Criaturas idiotas que dão preferência a tecnologia do que invés de um delicioso pão repleto de creme.

Com uma corridinha e um simples pulo eu alcanço a mesa do indivíduo, e antes dele me expulsar de lá, eu saboreio um pouco daquele creme.

Após esse ato insensível e repugnante, sigo um burburinho, avistando mais uma feira. Talvez eu consiga um pedaço de pastel, quem sabe uma rodela de abacaxi, já imaginou? Eu ganhar uma lasquinha de atum, seria um sonho!

Um instante, FEIRA?!

Como hoje pode ser quinta-feira? Quinta não foi a dois dias?

Os dias em São Paulo tem me confundido, o sol do meio-dia às nove da manhã, e agora, um sábado vira quinta-feira. Mas, isso não é relevante, o que de fato importa é que hoje é quinta-feira, dia de visitar uma humana que me dá ótimos sachês e me esquentar com uma manta de lã nos dias de frio.

Durante o percurso até o apartamento da mulher dos melhores sachês das minhas sete vidas, tenho o desprazer de trombar com dois grupos de adolescentes, sim, sim eu sei! Não um, mas, dois, aqueles que fazem todos os pelos do corpo se arrepiar, aqueles que não fazem sentido do significado "vergonha alheia", e ainda tentaram me tocar. Olha a audácia!

Miei por socorro e grunhi, mas a minha vontade era gritar "assédio!".

Mas, enfim chego ao apartamento, subo pela escada de emergência, tomando cuidado em certificar que estou contando certo.

Ao contar os trinta e cinco degraus, não tenho certeza de que estou no lote certo, escuto uma risadinha e um certo diálogo. Ah não ser que ela tenha deixado de ser depressiva, introvertida, baixo astral, sem uma vida social para uma jovem adulta esquizofrênica que fala com a televisão ou com ursos de pelúcia.

Mas, acabo de ter certeza que estava enganado quando chego a porta de vidro e a vejo sentada a frente de outra garota.

Como pode isso? Logo na quinta feira ela trazer a amante dele aqui, mesmo sabendo que eu viria!

Ela me avista e sorri vindo até mim, comigo em seus braços ela volta para o sofá.

"Eu disse, ele sempre vem aqui!"

"Ele é tão fofo!" A outra garota, que é ruiva com sardas no rosto, olhos verdes com um óculos que toma quase todo o seu rosto, tenta me tocar, mas, depois que eu soltei um grunhido ela recua.

"Desculpa!" A humana diz, e eu até cogito a aceitar, mas, óbvio, só se ela se humilhar, "ele normalmente é carinhoso."

O que?! Como assim não é comigo?!

"Sem problemas!" A ruiva sorri, e por *Basted*, que sorriso cínico.

De longe, esse é o sorriso mais cínico que eu já vi, ao longo das minhas sete vidas.

Olho para a minha humana - sim, minha humana! - para ver se ela notou o cinismo, mas, essa tonta apenas sorri e faz o carinho que eu tanto amo em minha orelha esquerda.

Por um breve momento até esqueço da sua traição.

Me deixando no sofá com o meu boneco de crochê as duas saem indo para cozinha, elas não demoram a voltar, a ruiva carrega duas xícaras de chá e a minha humana os meus sachês.

Me acomodo em seu colo depois de fazer a minha boquinha, tirando um breve cochilo. Ao acordar e ver que aquele ser ruivo ainda não se foi, decido partir, pretendia ficar até sexta de manhã, quem sabe, até a tarde, mas a sua presença me incomoda.

Espero que na próxima quinta-feira ela não esteja aqui.